

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: A. J. S. CASACA

Administrador: P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO: A. Casaca, E. Ferreira, E. Miranda, F. Cordas, F. Mendes, M. Laranjeira, M. Lourinho

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIPOGRAFIA GOMES & RODRIGUES, LDA.

RUA ENG. VIEIRA DA SILVA, 12-B — LISBOA

Número avulso 2\$00

Assinatura anual 20\$00

ANO XXI

ABRIL DE 1960

N.º 163

PÁGINA EDITORIAL

PREZADOS IRMÃOS:

Mais uma vez, temos o grande privilégio de participar na abençoada obra que é a Campanha das Missões.

É, efectivamente, um singular privilégio o de podermos tomar parte neste grandioso trabalho, que nos permite entrar em contacto com muitas e muitíssimas almas, que de outro modo não seria possível fazê-lo. Assim escreve a Irmã White:

«Um dos novos planos para nos aproximarmos dos incrédulos é a Campanha das Missões. Em muitos lugares, durante os anos passados tem-se demonstrado um sucesso, trazendo bênçãos a muitas almas e aumentando também a afluência de meios ao tesouro da Igreja. Quando as pessoas estranhas à nossa fé são informadas acerca dos progressos da terceira mensagem angélica, nos países pagãos, despertam-se as suas simpatias, e há muita gente que deseja conhecer mais acerca da verdade que tanto poder tem para transformar os corações e as vidas.

Têm sido alcançados homens e mulheres de todas as classes, e o nome do Senhor tem sido glorificado.» — MS., Esforços consagrados para alcançar os incrédulos, de 5 de Junho de 1914.

Lembremo-nos de que todos temos a nossa tarefa a realizar, na Obra do Senhor; também, agora, na Campanha das Missões, lá temos a nossa tarefa, bem marcada, bem determinada, e que nos foi preparada pelo nosso Pai Celestial. Quando Neemias, recebeu o encargo de reconduzir o povo de Deus para Jerusalém, dirigiu-se a todo esse povo; e todos corresponderam ao apelo, embora de maneiras diferentes.

«Carecemos, hoje, de tantos outros Neemias, na igreja — não de homens capazes só de prègar e de orar, mas também de homens cujos sermões sejam animados de propósito sincero e firme. O caminho que esse patriota hebreu seguiu na realização dos seus planos, devia ser, ainda hoje, adoptado pelos ministros e dirigentes. . . O êxito que acompanhou os esforços de Neemias mostra o que podem realizar a oração, a fé e uma acção sábia e enérgica. O povo reflectirá, em alto grau, o espírito manifestado pelo dirigente.» — Southern Watchman, de 29 de Março de 1904.

Mãos à obra, prezados Irmãos, pois todos nós temos o nosso trabalho bem marcado, neste tão belo e tão abençoado esforço da Campanha das Missões. Assim como no corpo humano, nem tudo são olhos, nem tudo são ouvidos, nem tudo são pés, nem tudo são mãos — assim também no corpo místico, que é a Igreja, se encontram as mais diversas funções, concorrendo todas elas para a harmonia do conjunto e da perfeição da Obra de Deus.

Todos poderemos e devemos trabalhar na Campanha: colocando as Revistas, orando, encorajando, dando sugestões.

Que Deus abençoe os esforços dos seus filhos, em toda a parte, nesta grande obra da Campanha, que temos diante de nós.

A SEMANA DE ORAÇÃO DOS M. V.

De acordo com as notícias que temos recebido, da parte das várias igrejas, podemos dar graças a Deus pelo entusiasmo com que decorreu, em toda a parte. Oportunamente a Revista Adventista publicará o respectivo noticiário.

A OFERTA DE VERÃO

No próximo dia 9 de Julho celebra-se, em todas as nossas igrejas o dia da Oferta de Verão.

Façamos, desde já, os nossos melhores planos para correspondermos, generosamente, a esta oportunidade, que o Senhor nos proporciona, de nos lembrarmos d'Ele, na época estival.

A. Casaca

A praça do mercado, lugar onde se reuniam todos os desempregados, evoca aos meus olhos a multidão dos nossos membros de igreja que, semelhantes aos operários da parábola, contratados a horas diferentes, exclamam na sua decepção: «Ninguém nos assalariou». (Mateus 20:7).

«Ninguém nos assalariou. Mas nós estamos cheios de boa vontade. Os nossos corações ardem do desejo de fazer alguma coisa pelo Mestre. Quem cuidará de nós? Quem saberá discernir as nossas capacidades para nos marcar um trabalho apropriado?»

Não posso deixar de pensar naquela observação, cheia de ensino, de uma antiga igreja, que só encontrava uma única censura a fazer ao pastor, de resto, excelente: «O nosso pastor deixa-nos dormir. Não faz apelos suficientes solicitando a nossa colaboração.» E o irmão que dizia isto acrescentava, muito significativamente: «É agradável dormir, assim como é excelente irmos passear, nas tardes de Sábado; mas se é verdade que estamos vivendo as últimas horas da história do nosso mundo, se é verdade que ainda há uma obra imensa a realizar; se é verdade que a seara é grande e que os obreiros são poucos, quem se encarregará deste trabalho da messe? Quem se encarregará de advertir a multidão inumerável de pessoas inconscientes do perigo que as ameaça, e ignorantes da última e gloriosa mensagem da salvação em Jesus Cristo? Quem fará o trabalho, se não for a Igreja inteira sob a direcção e inspiração do prègador?»

Irmãos e Irmãs, faltamos ao nosso dever se não nos esforçarmos por utilizar, plenamente, as energias latentes das nossas igrejas. No *Evangelismo* páginas 34, falando da evangelização das cidades, escreve a Irmã White: «Num tempo, como o nosso, temos de empregar as duas mãos.»

Para termos uma ideia de todo o potencial que representam as nossas igrejas, apresento à vossa atenção a mais recente estatística do trabalho missionário efectuada pelo conjunto dos nossos membros de igreja, em todo o mundo:

«Ninguém nos Assalariou»

Pastor L. Belloy — Secretário do Departamento da Missão Interior da Divisão Sul-Europeia

Data de 1958:

Mais de 4.000.000 de estudos bíblicos dados;

Mais de 10.000.000 de contactos missionários;

Mais de 36.000.000 de impressos distribuídos;

Mais de 5.000.000 de peças de roupa dadas;

Mais de 6.000.000 de pessoas socorridas;

Mais de 26.000.000 de dólares gastos em obras de beneficência.

Estes números são, de certo, excedidos, na realidade, pois que os nossos membros activos nem sempre relatam com exactidão.

Portanto, que teria acontecido, se ninguém tivesse aproveitado todas estas forças? Se ninguém tivesse perguntado a estes nossos irmãos: «Queres hoje trabalhar na minha vinha?»

Teria acontecido uma triste coisa: mais de 4.000.000 de estudos bíblicos não teriam sido dados; nem se teriam estabelecido mais de 10.000.000 de contactos missionários, e os nomes de milhares de almas não teriam sido inscritos nos registos do céu!

Que pesada responsabilidade a do pastor, encarregado de vigiar pelo rebanho, e de indicar a cada ovelha, a cada cordeiro, um lugar bem determinado no redil!

É conhecido o exemplo citado pela Irmã White para salientar o dever do prègador de repartir o trabalho entre os fiéis. É o seguinte:

O dono de uma fábrica viu um dia um dos contramestres ocupado com uma máquina, ao passo que os empregados, de braços cruzados, não faziam nada.

— Que está a fazer? — perguntou-lhe o patrão.

— Estou a trabalhar, respondeu o contra-mestre.

«Meu amigo — disse então o patrão, eu não te contratei para fazeres o trabalho de um simples operário, mas para os ensinares a

trabalhar.» E o contramestre tão diligente, que queria fazer tudo, foi despedido.

Efectivamente, um contramestre que chega a ensinar bem o ofício a dez operários, pode desta maneira decuplicar o seu rendimento.

Por isso um prègador que compreende bem o seu papel de educação, de chefe de equipa, também pode multiplicar por dez, quinze ou vinte, a sua eficácia ao serviço do Mestre. Que triste espectáculo o de uma igreja em que todos os trabalhos, todas as responsabilidades repousam num só homem!

Assisti, um dia, a um culto protestante, no qual o mesmo homem, embora, bem dotado, eloquente, fazia tudo sozinho: anúncios, orações, leitura da Bíblia e até os cânticos, que se reduziram a um solo... Que tristeza! Como eu bendisse a minha igreja, a organização da nossa Igreja, que é simplesmente maravilhosa! Como me sinto feliz de estar acompanhado, nos cultos, por dois ou três irmãos, anciãos ou diáconos, que se ocupam dos anúncios, das orações e da leitura da Palavra de Deus, — numa palavra, de tudo o que vai enquadrar a prègação. É certo que nem todos estes irmãos têm o dom da palavra e que, muitas vezes, o pastor faria muito melhor do que eles; contudo, o serviço ganha em interesse, quando muitas pessoas dividem entre si as responsabilidades.

É, de resto, o que o mundo à nossa volta, já também compreendeu. Basta recordar o que se passa nos noticiários da rádio, onde os locutores se alternam na apresentação das notícias — vozes de homens, de senhoras — para manterem o interesse dos ouvintes e evitarem a monotonia.

Conheço prègadores que se privam do auxílio dos irmãos, com a desculpa de que não sabem falar bem, que fazem orações muito longas...

São desculpas, sem valor. Os mais belos discursos sempre pelo

mesmo prêgador acabam por fadigar os ouvintes.

A Igreja necessita de todos os seus filhos ao trabalho; a Igreja não quer «gênios» que fazem tudo. A Igreja é um corpo, composto de uma multidão de membros, tendo cada um deles o seu papel específico, contribuindo, assim, para a harmonia do conjunto.

É ao prêgador que incumbe o trabalho de estudar as possibilidades de cada membro, confiando-lhe uma função relacionada com os seus dons. Nem todos têm o dom da palavra; nem todos são capazes de dar estudos bíblicos. Até me parece que nem todos são qualificados para o trabalho da Campanha das Missões. Mas todos os membros, indistintamente, podem contribuir, de uma maneira ou de outra, para promoverem a obra divina na Terra e apressar a Vinda do Senhor Jesus.

Na parábola dos talentos, um dos servos recebeu cinco talentos, o outro dois e o outro só um. «Há diversidade de dons, na Igreja», diz o Apóstolo. Não há ninguém que possa presumir de ter recebido todos os dons; mas também não há nenhum que possa dizer que está totalmente desprovido de qualquer deles. O menos favorecido dos três servos, recebera, pelo menos, um talento, que deveria ter feito frutificar para a glória do Senhor. Muitas vezes os nossos membros ignoram que possuem dons e que se tornam culpados aos olhos de Deus deixando-os infructíferos. Pertence aos pastores a missão de descobrir esses talentos e de os mostrar aos seus possuidores sugerindo-lhes ao mesmo tempo a maneira como os devem empregar. Não há nenhuma actividade mais variada como o trabalho missionário. O Departamento da Missão Interior é de longe o mais rico sob este ponto de vista. Basta considerarmos a evangelização, mediante as conferências públicas. Que fontes de actividades para todos os nossos membros. Todos os nossos membros podem empregar os seus talentos neste trabalho. Os menos dotados serão convidados a distribuir os convites, segundo

um plano sistemático. Outros servirão de arrumadores na sala das conferências; acolhendo os ouvintes e conduzindo-os aos seus lugares. Outros levantarão a colecta; outros estarão munidos com publicações. Os mais qualificados farão a apresentação do orador, os anúncios, as orações. Nas grandes igrejas é possível organizar um bom coro, vocal e instrumental conforme os recursos. Há irmãos e irmãs que poderão cantar ou executar solos de piano, órgão, violino, violoncelo.

Também a juventude se poderá ocupar útilmente de certos aspectos técnicos, tais como: gravações, projecções, jogos de luz, etc.

Eis, na nossa maneira de ver, os grupos de actividade missionária que deveriam funcionar, permanentemente, nas nossas igrejas:

1 — Um grupo de evangelistas voluntários que auxiliaria o prêgador no ensino da Bíblia nos lares. Uma pessoa entre 15 ou 20 pode qualificar-se para este trabalho. É necessário instruir os membros sobre a maneira de dar estudos bíblicos.

2 — Um grupo encarregado de distribuir folhetos e inscrições para recrutar interessados.

3 — Um grupo de irmãos encarregados de procurar pessoas susceptíveis de se inscreverem no Curso Bíblico por Correspondência. Os evangelistas voluntários podem acompanhar os inscritos no estudo das suas lições, ajudando-os, também, a preencher as respostas para as primeiras lições.

4 — Um grupo de correspondência. O pastor, raramente, tem tempo para redigir cartas missionárias. Ora, há nas nossas igrejas, alguns irmãos e irmãs capazes de se desempenharem de tais encargos, tornando-se, assim, bastante úteis. Para pessoas idosas ou doentes, esta actividade missionária seria excelente. Todos reconhecemos que uma boa carta missionária pode servir de muito conforto a uma alma fraca na fé ou imersa em desgostos.

5 — Uma Sociedade de Dorcas, composta não só de irmãs que trabalhem em serviços de costura, mas também de outras irmãs com conhecimentos da Palavra de Deus que possam penetrar nos lares mais necessitados, onde poderão dispensar auxílio material e espiritual.

No que diz respeito à Campanha das Missões é evidente que nem todos os nossos membros podem obter o mesmo resultado. Ao lado dos velhos, dos doentes, dos tímidos, que lá vão fazendo o que podem, seria conveniente constituir grupos de voluntários, sob várias modalidades que o pastor estudaria para cada caso. Certos membros poderiam especializar-se nas visitas aos bancos, às empresas industriais, assim como no envio de cartas a firmas importantes.

Na distribuição do trabalho, não esqueçamos a juventude, pois a nossa juventude deseja tornar-se útil. Saibamos entusiasmar os nossos jovens por certos planos arrojados, que exigem iniciativa, coragem e perseverança. Lembro-me do entusiasmo com que os nossos jovens de Bruxelas se lançaram à conquista de almas dando o seu testemunho numa praça pública. Cantos, projecções coloridas, músicas, mensagens individuais — tudo foi posto em prática para atrair e cativar a atenção do público que passava, que às dezenas se inscreveu no Curso Bíblico por Correspondência. Resultado: mais de vinte almas ganhas, no espaço de dois anos, e uma juventude unida e transbordante de alegria.

Se quisermos banir e afugentar para muito longe as críticas malfazejas, e se quisermos tornar felizes os nossos membros de igreja, ponhamo-los ao trabalho.

Nada mudou, desde o início do Cristianismo, desde a época em que os 70 discípulos regressaram felizes da sua saída missionária. Há sempre abundância de alegria e de bênçãos para todos aqueles que se põem ao serviço de Jesus.

Aqueles dos nossos prêgadores que tendo já saído oito, nove ou dez vezes e que talvez não tenham encontrado trabalhadores para assalariar, direi: «Saí, ainda, na undé-

Na África, uma Escola Sabatina Anexa ganha almas

Nelson Denga — Prêgador da Niassalândia, Divisão Sul-Africana

Ngauma é o nome da aldeia, onde ultimamente, se constituiu uma pequena Escola Sabatina anexa, dirigida por uma mulher — a nossa irmã Abiti Fundi. Foi ela baptizada já há anos, depois de haver conhecido a verdade, graças a seu irmão, que é diácono de uma das mais importantes igrejas do distrito.

Uma vez convertida, a irmã Abiti Fundi regressou à sua aldeia e resolveu chamar para a verdade a mãe e uma tia, tentativa que foi coroada de pleno êxito. Durante muitos anos, as três mulheres assistiram aos ofícios religiosos da capela adventista mais próxima da sua aldeia. Em 1955, Abiti Fundi pediu ao irmão autorização para organizar uma Escola Sabatina anexa em casa dela, porque a mãe e a tia, já de idade avançada, não eram capazes de se dirigir à igreja. Obtida a autorização, a nossa Irmã Abiti Fundi regressou satisfeita a casa. Assim que chegou, anunciou aos vizinhos que no Sábado seguinte, haveria uma reunião religiosa na sua casa. A notícia espalhou-se, e no santo Dia do Senhor, um pequeno grupo de curiosos reuniu-se em casa de Abiti Fundi, para ver como é que a prêgadora improvisada era capaz de se sair da tarefa. A experiência foi, de certo, concludente, porque no Sábado seguinte, o mesmo auditório voltou a reunir-se em casa da nossa irmã que, desta vez, expôs a lição da Escola Sabatina

e, no fim, à maneira de culto, fez um pequeno estudo bíblico. O número de assistentes não deixou de aumentar, todos os Sábados, de modo que se estabeleceu uma verdadeira Escola Sabatina anexa.

No decorrer de uma recente semana de oração, tive o privilégio de visitar a igreja que Abiti Fundi frequentava, antes de ter fundado o seu grupo. A nossa irmã estava na capela, porque todos os membros da região se reuniram durante a semana de oração. A exposição para aquele dia tinha o seguinte título: «Que tendes feito pelo Mestre?» Enquanto eu lia, em voz alta, a comunicação, ia entremeando com algumas experiências da evangelização pessoal. Fiz referência ao caso de uma pessoa bastante idosa que tinha sido largamente beneficiada pela acção da igreja. Abiti Fundi ouvia com muita atenção; lembrou-se, então de um conhecido que estava doente, e perguntou a si mesma o que já tinha feito por ele.

Assim que a reunião terminou, Abiti Fundi, montou-se na sua bicicleta e chegando a casa, preparou alimentos que foi levar ao doente; e assim continuou a cuidar dele. Depois de quinze dias deste serviço caritativo, o doente, acompanhado da mãe, dos irmãos e das irmãs, resolveram tomar parte nas reuniões do Sábado. Quando Abiti Fundi lhes perguntou por que tinham vindo, ao culto, responderam: «Porque verificámos que

pertences à verdadeira igreja de Deus. Não só tens o amor do próximo no teu coração, mas também pões em prática aquilo que ensinas... Por isso resolvemos todos entregarmo-nos ao Senhor e entrar na tua igreja». Abiti Fundi interrogou, então, aquelas pessoas, para ver se a sua decisão era sincera.

O doente trabalhava para ganhar a vida: fabricava telhas primitivas; também dançava, nas festas populares, para receber alguma ajuda, o que lhe permitia vestir-se a si e aos seus. Abiti Fundi disse-lhe, então, que se queria ser adventista teria de renunciar à dança. Sem hesitar o novo interessado declarou que nunca mais tornaria a dançar. E cumpriu a promessa.

Ainda há pouco tempo, visitei a Escola anexa de Ngauma onde vi este homem, a mãe, os irmãos e as irmãs. Por ocasião da colecta, notei, com surpresa que o doente, que ficara muito pobre, tinha contribuído com moedas. No fim do culto, perguntei a Abiti Fundi como se explicava aquilo. Esta nossa irmã disse-me muito simplesmente: «Há já seis meses que a mãe do doente também não pode trabalhar, pois moía grão; tenho sido eu que moio o grão para aquela pobre família poder viver.»

Presentemente, a Escola Sabatina Anexa de Abiti Fundi conta sete membros.

Vão selar o seu pacto com o Salvador, nas próximas assembleias anuais. Como nos sentimos alegres com estas primícias e com o zelo daquela nossa irmã! Pensemos nos maravilhosos resultados que as nossas Escolas Sabinas Africanas podem vir a ter, se cada um dos seus membros tiver a mesma iniciativa que Abiti Fundi!

Prezados Irmãos e Irmãs do mundo inteiro, lembrem-se nas suas orações da pequena Escola Anexa de Ngauma. Graças a ela, preciosas almas aprendem a amar a verdade e a pô-la em prática.

cima hora, para que ninguém possa dizer ao Dono da messe: «Nós quisemos trabalhar, mas ninguém nos assalariou».

Aqueles que têm tendência para não contar com o auxílio dos membros, vou dizer: «Saí e convidai os nossos irmãos e irmãs a trabalharem no campo do Senhor. Ficai surpreendidos com os resultados.»

Haverá muitos que não responderão ao apelo, em público, por-

que pensam que tal género de trabalho não é para eles, ou que não estão preparados. Aproximai-vos, então, deles, em particular e mostrai-lhes o que podem fazer. Para as saídas missionárias, juntai um irmão mais desembaraçado com outro mais tímido. Com o tempo, os tímidos saberão entusiasmar também os seus irmãos.

Toda a Igreja ao trabalho, porque há uma obra a realizar por todos e por cada um de nós.

A PARÁBOLA DO RICO E DE LÁZARO

ALEGORIA OU REALIDADE? (conclusão)

Pelo Pastor ARNALDO B. CRISTIANINI

Tão forte e concludente é o facto de que as alegorias não contêm ensino nas suas cenas acidentais ou acessórias que, uns tempos a esta parte, alguns astutos ensina-dores, no indisfarçável intuito de forçar um sentido escatológico, enveredaram por um caminho *sui generis*: pretendem que a narrativa do rico e de Lázaro seja real, literal, factível e não alegórica. Isto — dizem — porque a história não traz nenhuma indicação introdutória de que se trata de parábola.

Brada aos céus o primarismo de tal «argumento». Se a afirmação da literalidade da narrativa em questão, fosse verdadeira, então o seu enredo inverosível e romanesco enredar-nos-ia em toda uma série de absurdos e de incongruências.

Impõem-se, portanto, algumas considerações:

1 — Primeira observação chocante: um céu anti-céu, paradoxal, exótico, aberrante. A narrativa delineia um Céu, onde não se nota a presença de Deus, nem de Jesus, e como se fosse um local contíguo do Inferno, tão junto, que até é permitida uma conversa entre os habitantes desses dois lugares, apesar do abismo intransponível que os separa. Poderá a mente equilibrada admitir que a gloriosa mansão dos remidos seja um lugar tão precário? Se ali o salvo pode contemplar o perdido, conclui-se que uma mãe extremosa no Céu, pôde ver o seu transviado filho no Inferno, *ouvir-lhe* os gritos lancinantes, implorando misericórdia; poderá ela confranger-se pelo miserável estado do filho, mas não poderá consolá-lo, a não ser que lhe diga que sofre agora, porque viveu impiamente, na Terra, e que por isso, tem de ser atormentado.

Ora esta cena, ocorrerá ininterruptamente, durante um ano, dois, dez, milhões, biliões de anos... — a mãe, santa e remida no Céu, vivendo em perene estado de angústia, e infindável agonia de espírito, por ver o filho contorcer-se nas labaredas inextinguíveis...

Não, não é este o tipo de Céu que a Sagrada Escritura nos apresenta. Não pode ser esse um lugar de eterna felicidade, e muito menos um estado de ventura. Não pode ser real a história da parábola do Rico e de Lázaro, a não ser que se subverta o próprio conceito da divindade.

Importa notar que essa inexacta e claudicante exegese da parábola é tradicionalmente repetida, sem a análise necessária, transmitindo-se, assim, o erro. Cumpre-se o que escreveu Farrar: «É universal o hábito do plágio e do repeticionismo, tanto na Teologia como na exegese, que contribuiu para estereotipar muitos erros, através dos séculos» (1).

2 — Outro absurdo: Lázaro é apresentado como remido. Ter-se-ia ele salvo anti-evangêlicamente, *sem Jesus?* Pelas obras? Pelo mérito da pobreza e da humildade? Temos, portanto, de concluir que a parábola é uma alegoria, pois os pormenores não estão de acordo com o teor geral da Sagrada Escritura, com o plano de Deus nem com a base evangélica da salvação.

3 — Se a história fosse real, a petição do rico ao Abraão da parábola justificaria a intercessão dos santos, pois Deus, o Pai, e Jesus estão excluídos deste «Céu», e o justo Abraão acolhe orações providas do Inferno.

Ora isto, além de ridículo, é também insustentável perante a

doutrina cristã. Não pode, por conseguinte, ser literal esta cena.

É oportuno notar que desse pormenor da parábola se servem os Católicos para justificarem a intercessão dos santos. O padre Matos Soares, no apêndice da sua conhecida tradução da Bíblia, diz: «Os santos que deixaram o mundo socorrem-nos por suas orações». E cita, em primeiro lugar, o versículo nove desta narrativa.

É isto admissível? Seria lógico, se as minúcias de uma parábola contivessem ensino em si. Não pode ser real o que ali se narra.

4 — O mais ferrenho defensor do sentido literal da narrativa há-de convir que a expressão «seio de Abraão» é alegórica, pois é inadmissível que o velho patriarca tenha tão extenso seio para acolher todos os remidos... Note-se que Abraão também será um dos remidos, e para que «seio» irá ele? É espantoso que ele seja uma espécie de monitor do Céu, como é apresentado na parábola. Ainda mais: Abraão nasceu cerca de dois mil e quinhentos anos após a Criação, e, antes dele, morreram muitos justos. Para que «seio» teriam ido eles, se Abraão ainda não existia?

Referindo-se à expressão «seio de Abraão», assim se manifesta o douto Shailer Mathews: «Não há evidência clara de que os Judeus, nos dias de Jesus, acreditassem num estado intermediário, e é inseguro ver nesta expressão uma referência a tal crença» (2). Quem afirma isto é abalizada autoridade evangélica.

5 — De uma simples leitura se infere que o trecho é uma alegoria, pois o inteiro teor da narrativa é parabólico. O próprio estilo o denuncia; o enredo as minúcias também o confirmam. É a falta de declaração expressa de que se

trata de uma parábola, nada prova. Para tão infantil critério não seria parábola o que Natan contou a David, sobre o rico que se apoderou da ovelha do pobre (II Samuel 12:1-7). Também não seriam parábolas as dos espíritos imundos procurando voltar para a casa (S. Lucas 11:24-26), e a da grande ceia (S. Lucas 14:16-24), do Mordomo Infiel, (S. Lucas 16:1-8) e outras que não trazem no contexto indicação explícita de se tratar de parábolas. E ninguém duvida de que não o sejam.

A parábola do Rico e de Lázaro como *parábola* tem sido sempre aceita através dos tempos. Os dicionários bíblicos mais autorizados (Hastings, Rand, Smith, Davis e outros) definem-na, claramente, como tal.

Angus e Rand consideram-na como parábola, cujo ensino é mostrar o reflexo do procedimento desta vida, no mundo vindouro. Hastings afirma que a parábola se subordina ao tema: «Rejeição do Reino e oportunidade perdida» (3). Investigando o que os mais destacados comentadores pensam acerca da historieta da parábola, nota-se uma ligeira divergência, quanto ao significado.

Todos, porém, estão de acordo num ponto: *não a apresentam como história de objectivo escatológico* (isto é referente ao fim do mundo) e além disso são unânimes em não interpretarem indevidamente os pormenores. Um autor diz que esta parábola tem como objectivo principal o uso das riquezas, neste mundo (4).

6 — Se o enredo da história fosse real, feriria, frontalmente, os ensinamentos directos da Sagrada Escritura no que diz respeito à recompensa, pois a recompensa só se dará, por ocasião da Segunda Vinda de Jesus. O rico e Lázaro receberam, na historieta, o seu galardão, *sem julgamento*. Em face, portanto, do sentido literal da narrativa, ficam por terra estas solenes verdades do juízo e da Vinda do Salvador. É, portanto, inadmissível que a história seja real.

7 — É mencionado Abraão, como *estando a falar*. Só mesmo uma alegoria o poderia assim representar, pois em Hebreus 11:13 e 19, descrevendo os heróis da fé, *inclusive Abraão*, se diz que «morreram na fé» e *não alcançaram a promessa* (só a alcançarão na ressurreição dos justos). Perante estes testemunhos, poderia Abraão estar no Céu? Abraão está inconsciente na sepultura, aguardando o despertar da ressurreição.

Perante tais factos, a historieta não pode ser real, pois em sentido literal contradiz a Escritura, no seu ensino positivo, quanto ao estado dos mortos.

8 — A própria situação da narrativa no Evangelho de S. Lucas prova que é irreal o seu conteúdo: vem, efectivamente, como a última de uma série de parábolas de sequência, começando com a da Ovelha Perdida, da Dracma Perdida, do Filho Pródigo, do Mordomo Infiel, todas — inclusive esta

do Rico e de Lázaro — com o objectivo de ensinarem que o perdido pode ser achado, assim como a necessidade de se fazer provisão para o futuro.

Mas esta última parábola, a do Rico e de Lázaro também encerra um ensino de veemente repreensão ao suposto mérito hereditário, ferindo o orgulho nacional e a pretensa superioridade dos Judeus.

Concluindo, diremos: não há dúvida que a parábola do Rico e de Lázaro é *uma verdadeira parábola, como remate de uma série de parábolas*.

- (1) — Farrar, *Characteristics of Modern English Exegesis* (citado por J. C. Mota em «A interpretação da Bíblia Sagrada», pág. 51).
- (2) — Shailer Mathewes, art. *Seio de Abraão*, «Dictionary of the Bible», James Hastings, pág. 6.
- (3) — James Hastings, *op. cit.* pág. 681.
- (4) — Sáttilas Amaral Camargo, *Ensinos de Jesus Através das Suas Parábolas*, pág. 161.

A PALAVRA DE DEUS

— IRMÃ WHITE —

Nenhum espírito finito pode compreender, completamente, o carácter ou as obras do Ser infinito. Não podemos pelas nossas pesquisas encontrar a Deus. Para os espíritos mais fortes e mais altamente educados, assim como para os mais fracos e ignorantes, aquele Ente santo deverá permanecer revestido de mistério. Mas enquanto «nuvens e obscuridade estão ao redor d'Ele, justiça e juízo são a base do Seu trono». (Salmo 97:2). Podemos compreender o seu trato para conosco a ponto de discernir a misericórdia ilimitada unida ao infinito poder. É-nos dado compreender tanto dos Seus propósitos quanto somos capazes de abranger; para além disto podemos ainda confiar naquela mão que é omnipotente, naquele coração repleto de amor.

A Palavra de Deus, semelhante ao carácter do seu Autor, apre-

senta mistérios que jamais poderão ser compreendidos amplamente por seres finitos.

Deus deu, porém, na Sagrada Escritura, evidências suficientes da divina autoridade das mesmas Escrituras. A sua própria existência, o seu carácter, a veracidade da sua Palavra, são estabelecidos por testemunhos que falam à nossa razão; e tais testemunhos são abundantes. É um facto que Deus não removeu a possibilidade da dúvida; a fé deve repousar na evidência e não na demonstração; os que desejam, terão oportunidade para isso; aqueles, porém, que desejam conhecer a verdade, encontrarão terreno amplo para a fé. — *Educação*, pág. 169.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

O HÁBITO — FACTOR TAMBÉM, DE PROGRESSO ...

É na infância que se adquirem tanto os bons como os maus hábitos. Por isso, os pais, como os mestres sentem a responsabilidade de corrigir a criança, desde a mais tenra idade, para que, mais tarde, já homens e mulheres não venham a envergonhar-se dos seus educadores.

É por isso que desde pequeninos somos ensinados a contrair esses bons hábitos de higiene: lavar o rosto, as mãos, os dentes, pentearmo-nos, banharmo-nos, etc. E a verdade é que, desde que nos habituemos a estas pequenas, mas indispensáveis regras, já não nos sentimos bem, se as não pusermos em prática.

Recordemos, como na nossa infância, a professora — a mestra, como então se denominava — procedia, minuciosamente, à investigação das unhas, das orelhas, do rosto dos pequenos que, tantas e tantas vezes, tinham de ser repreendidos, severamente, porque não se apresentavam devidamente limpos!

Mas, uma vez criado o hábito — e prouvesse a Deus que só fossem bons — o indivíduo sente a necessidade de agir, de proceder, pois o hábito exige que se realize a acção que lhe deu origem.

Assim acontece tanto nos hábitos do corpo como do espírito.

Por isso, tanto na vida cristã, como na social, carecemos, absolutamente, de bons hábitos.

Não se trata de uma rotina, porque, mediante o hábito, devemos procurar tirar dele todo o partido possível.

Uma das condições do progresso na nossa vida espiritual, está, precisamente, na prática do estudo da Bíblia.

Já bastas vezes ouvimos dizer que na vida espiritual não se pode parar; parar é morrer, tal como na vida do corpo.

Ora, também na vida do espírito é necessário progredir. E para progredirmos na vida do espírito

temos a bela instituição da Escola Sabatina.

Por que não estudaremos nós, todos os dias as inapreciáveis lições da Escola Sabatina?

Se nos habituarmos a estudar, todos os dias, a nossa lição, já não nos sentiremos bem, no dia em que não a tivermos estudado.

Uma vez estudada todos os dias, procuremos retirar desse estudo o maior proveito, para não cairmos na rotina.

Esse proveito há-de dirigir-se à nossa mesma vida de todos os dias, na qual demonstraremos que vivemos com o Salvador.

Não estudemos, apenas, para relatar que estudamos os sete dias da semana; triste objectivo que de nada nos serviria. Estudemos, sim, todos os dias, para aprendermos, sempre cada vez e melhor a vontade de Deus, e também tornarmo-nos sábios para a salvação em Cristo Jesus.

J. Graça

SAUDAÇÕES DA AMÉRICA

Uma carta do Pastor MANSELL

É sempre com muito prazer que recebemos, aqui, na longínqua América a REVISTA ADVENTISTA e que nos traz, todos os meses as notícias do Campo Português, no qual, durante 35 anos trabalhámos para a Causa de Deus.

É com verdadeiro prazer que notamos o maravilhoso progresso da Obra do Senhor, em Portugal, através de todo o seu território, metropolitano, insular e ultramarino, nomeadamente, naquele mesmo campo, onde trabalhámos.

Aqui nos encontramos, agora, na nossa terra, depois dos trinta e cinco anos de trabalho, em várias localidades do Mundo Português.

O nosso filho Donaldto está pastoreando a igreja de New Bedford, Estado de Massachusetts, aqui nos Estados Unidos.

Que Deus abençoe, ricamente, os Obreiros Portugueses, todos os nossos queridos Irmãos Portugueses, espalhados por toda a parte, e nomeadamente os que se encon-

tram naquelas igrejas e terras, onde trabalhámos.

Que todos possamos dar o nosso melhor esforço para abreviarmos a vinda gloriosa do nosso Salvador, para que todos, unidos no amor de Jesus possamos cantar o cântico dos remidos, na Pátria Celestial, onde todos falaremos a mesma língua.

Saudades para todos os nossos amigos Portugueses, com a oração do

Pastor Mansell e Esposa

NOTÍCIAS DO CAMPO

Canelas e Avintes

É com um sentimento transbordante de alegria que venho através das páginas da nossa estimada «Revista Adventista» dar algumas notícias do campo de trabalho que nos foi confiado, que compreende as igrejas de Canelas e Avintes, e relativas à Semana de Oração da Juventude que decorreu de 19 a 27 do corrente mês de Março.

Começarei por dizer que foi uma semana ricamente abençoada, especialmente para a Igreja de Canelas que desde o seu início, através das ricas mensagens que foram ouvidas por uma vasta assistência, muito beneficiou espiritualmente. Na reunião de consagração que teve lugar no Sábado de manhã, com a sala superlotada, incluindo numerosas visitas, fizemos um apelo para uma entrega das nossas vidas ao Senhor levantando-se toda a assistência no desejo de uma maior consagração ao Senhor e à Sua Causa.

Na tarde desse mesmo dia houve uma cerimónia baptismal onde 5 preciosas almas, descendo às águas baptismas, uniram o seu destino à Igreja Adventista do Sétimo Dia de Canelas, aumentando assim o número dos seus membros para 78. Ao apelo feito pelo Pastor Casaca, que se dignou honrar-nos com a sua colaboração, no fim desta cerimónia, 11 almas deram os seus nomes para se prepararem a fim de darem o mesmo passo ficando assim constituída nova



Os 5 Irmãos, recém-baptizados

classe baptismal. Tivemos também o prazer de ter no nosso meio o estimado Pastor da Igreja do Porto, Vítor Martinez, que também nos ajudou.

No domingo, dia 27, e como que a terminar a abençoada Semana de Oração do M.V., teve lugar pelas 16,30 h., uma festa da Juventude, cujo programa foi apresentado pelos jovens entusiastas, e sempre prontos a cooperar, a uma

vastíssima assistência. O M.V. de Canelas está, pois, de parabéns, por ter à sua frente como director o Irmão Adelino Brandão Pinto de Sá que com um espírito solícito e de grande iniciativa, dinamismo e excelente boa vontade, tão prestigiosamente está dirigindo este simpático Departamento. Que Deus o abençoe para que continue com o seu esforço e dedicação a ser um elemento de bênção para o M.V.

Ainda no mesmo dia (domingo) teve lugar na Igreja de Canelas, às 11,30 h. o enlace matrimonial dos Irmãos Adelino Brandão Pinto de Sá, director do



Os noivos, Irmãos Pinto de Sá

M. V., e Maria Ester Guedes, secretária da Escola. O Pastor Casaca, director da União Portuguesa, celebrou o acto solene proferindo uma alocução alusiva à cerimónia. Ao novo par desejamos as mais ricas bênçãos de Deus a fim de que possam ser uma bênção para si e para a Causa de Deus.

Em Avintes também decorreu normalmente esta Semana de Oração do M.V. com reuniões todas as noites. Também os jovens tiveram ali a sua festa espiritual que teve lugar no Sábado, dia 19, às 21 horas e cuja assistência também foi numerosa. Entre as actividades desta Igreja menciono a bela Escola Sabatina Anexa que funciona no lugar da Serpente, Rochosa, que já conta 25 membros inscritos e cujas visitas são às dezenas. Trabalho dos Pregadores Leigos: Arménio Martins de Sousa e Alberto Martins que começaram e estão continuando este trabalho cujos frutos já começámos a colher: um jovem baptizado no passado Sábado e outros que se estão preparando para darem o mesmo passo.

Que Deus continue a abençoar o nosso trabalho para que mais frutos possam ser recolhidos no Celeiro Celestial é a nossa oração.

J. J. Laranjeira

Tomar

Vivemos numa época verdadeiramente difícil e trabalhosa como escreveu o Apóstolo S. Paulo: *Sabe, porém, isto; que nos últimos dias, sobrevirão tempos trabalhosos.* A tenaz da imoralidade, tem atrofiado os espíritos. O Diabo tem realizado a sua obra de ocupação, e continua ocupando a mente da Humanidade com banalidades, com pensamentos que destroem as mais belas virtudes cristãs.

Há dias falei com uma pessoa amiga que já tinha sido Adventista e cursou numa das nossas Escolas no Estrangeiro. Abordamos o assunto da fé, e sem que eu lhe perguntasse qual teria sido a razão que o levou a abandonar a sua Igreja, disse: «Sabe, Pastor Pires, eu, gostava de ler, como gosto ainda hoje, e li vários livros sobre a matéria e sobre a evolução e esses livros enraizaram em mim uma ideia muito diferente da que eu tinha da religião». É triste tal situação. Será este o único a pensar assim? É certo que essas obras que este jovem leu poderiam ter produzido reacções no seu espírito a ponto de o ter afastado do Criador da matéria: Deus. Mas também não nos deixa dúvidas de que a sua fé não seria talvez bastante para resistir às filosofias dos homens.

Razões tinha S. Paulo para dizer aos crentes do seu tempo: *Tende cuidado, para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs subtilidades, segundo a tradição dos homens, segundo o rudimento do mundo, e não segundo Cristo.*

Estas advertências do Apóstolo nem sempre têm sido ponderadas por aqueles que amam a Deus, e os que O amaram com certa fragilidade. Razão porque hoje os vemos afastados do aprisco do Senhor. Não julgo que estas almas vivam bem com a sua consciência, e lá dentro, bem fundo, ouvirão a sua voz a dizer-lhes que não estão bem. Digo isto por eles manterem ainda de pé alguns princípios que receberam da Igreja e que ainda respeitam. Possuem uma fé morta. O apóstolo do Senhor escreveu: *«E desviarão os ouvidos da Verdade, voltando às fábulas.»*

Os maus livros têm contribuído para que muitos se afastem de Deus. Os homens têm as suas mentes cheias de filosofias vãs. Muitos jovens se têm perdido neste campo da ciência. A Igreja tem visto afastar-se alguns. *«E digo isto para que ninguém vos engane com palavras persuasivas.»* Nem sempre o cristão Adventista se tem apercebido dos perigos que o rodeiam. Não dá conta de que o Diabo está jogando a sua última cartada. É no campo espiritual que ele está causando maiores estragos. Disse Jesus: *«Acautelai-vos que ninguém vos engane.»*



O Pastor Pires baptizando os Irmãos Alberto Simões e Esposa

A causa de muitos se terem afastado de Cristo é sem dúvida o terem vivido uma longa vida de apatia na sua Igreja. Não fizeram e não estão fazendo uma verdadeira profissão de fé. Se trabalhassem com zelo pelo Mestre, se sentissem uma centelha da responsabilidade que sobre eles pesa, haveria mais conversões. Mas infelizmente isso não sucede.

Terramotos têm varrido dos corações os belos princípios religiosos ali existentes, nada deixando de pé. Estão-se afundando pelas fendas da corrupção, e em breve a sua alma estará como a desolada Agadir, quem sabe se chegará um dia um Agadir para nós.

Lembra-me neste momento o trabalho que estão fazendo as Testemunhas de Jeová. Uma organização que sabemos não ter a Verdade. Como eles vão de porta em porta de Bíblia na mão oferecendo-se para estudar a Palavra de Deus. Abordam mesmo os Adventistas mais novos na fé, criando confusão nos seus espíritos. Temos de admitir que são na realidade zelosos instrumentos que Satanaz tem para engodar os filhos de Deus.

Que maravilhoso não seria se os nossos crentes se lançassem numa obra semelhante, na conquista de almas para Cristo. Se sentissem ao menos esse dever. Assim, quem sabe, talvez muitos de nós não estejamos a seguir Cristo de perto, mas de longe.

Um comentarista do século IX, Remígio de Auxerre, escreveu com exactidão:

«Pedro não teria negado o Salvador se tivesse ficado junto d'Ele». Estaremos no mesmo caminho de Pedro? Porque temos nós Igrejas tão fracas? Não será porque os crentes estão seguindo a Cristo com uma lentidão desesperante? Re-

remos no que escreveu Georges Chevrot escritor católico: *«Feliz daquele que pode testemunhar não ter virado as costas a Jesus Cristo. Porém, quem é que o seguiu sempre de perto? Seguimo-lo, sem dúvida, e para o seguir é preciso fazer renúncias e dar provas de coragem. Contudo, Jesus avança sempre, caminha de pressa, enquanto que a natureza precisa de repouso, de paragens. Paramos para respirar e, quando tornamos a partir, estamos um pouco mais longe de Cristo. Não o perdemos de vista e sempre o seguimos, mas perdemos o contacto, a sua graça afasta-se e o nosso ardor diminui»*.

Não será isto uma imagem das Igrejas actualmente? O espaço que existe entre nós e Cristo é na realidade bastante grande. Muitas vezes nos convencemos que a distância entre nós e o Mestre é bem pequena. Reparemos na frase do Evangelista S. Mateus, 26:58: *«E Pedro O seguiu de longe»*. . . Pedro viveu na ilusão de que estava seguindo a Jesus bem de perto. Mesmo que assim fosse, a curta distância que mediava entre o Apóstolo e o Mestre deu lugar a três tentações. O grande erro de Pedro foi não voltar com Jesus. Não manter o seu pensamento e a sua vontade constantemente unida ao seu Mestre. E Jesus morreu sem que Pedro estivesse junto d'Ele.

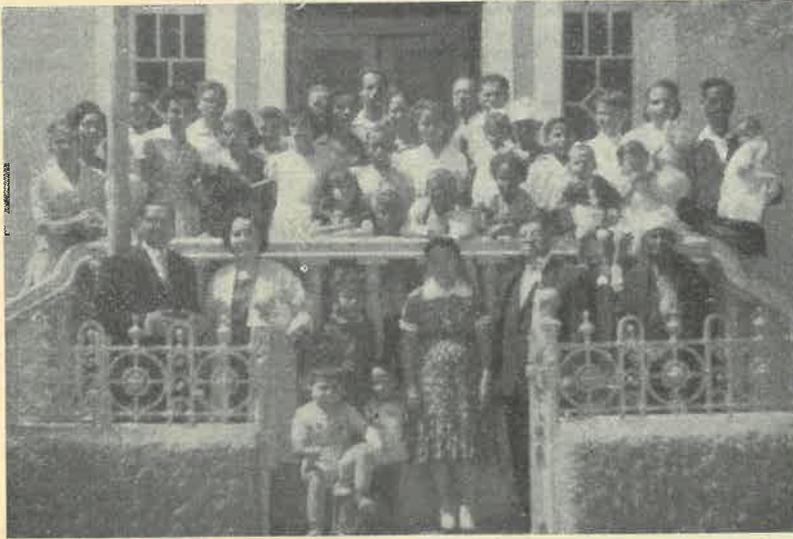
Queira Deus que não tenhamos de dirigir essa censura a nós mesmos. A Humanidade de hoje sente-se atraída para as coisas que impressionam o espírito. Deixa-se arrastar pelas emoções que têm abalado o mundo. Ouve-se falar de milagres, e tudo constitui milagre para o homem. Assim disse Jesus, que o Diabo faria coisas tão espantosas que se possível fora até os escolhidos de Deus seriam enganados. Para mim existe um autêntico milagre, ou milagres. É a conversão duma alma a Deus. E quantos não tem sido! . . . Em Tomar como em todos os recantos da Terra onde o Evangelho encontra eco, temos visto esses milagres nas pessoas dos nossos irmãos que baixando às águas baptismais selaram publicamente o seu pacto com Cristo.

Que alegria não sentimos ao terminar o ano de 1959 com 12 milagres na Igreja.

Numa dessas fotografias vemos um casal, Alberto Simões e Esposa, no momento do seu baptismo. Não será isto um grande milagre, caro leitor? Feliz do homem e da mulher que unidos pelos laços do matrimónio comungam da mes-



Grupo de seis preciosas almas recentemente baptizadas, ladeadas pelo Pastor Pires e Esposa



Grupo de crentes de S. Vicente vendo-se o casal Cordas, que nesta ilha esteve 8 anos ao serviço do Senhor

ma doutrina e possuem a mesma esperança no Redentor, preparando-se para se encontrar com o seu Senhor!

Embora o tempo não tenha sido favorável, e a saúde não tenha sido muita, estamos empenhados no esforço de Evangelização em dois lugares. É alegre-me transmitir-vos caros leitores da nossa Revista, que estamos com boas perspectivas. Confiamos no Senhor e nos bons resultados deste ano. A Igreja está ao trabalho na distribuição de literatura, visitando os alunos da Escola Rádio-Postal e estudando as lições com eles, distribuindo os convites para as Conferências. A nossa juventude tem tido uma parte neste trabalho que desempenha com alegria.

!Não se esqueçam de orar pela Igreja de Tomar.

J. J. Pires

Angra do Heroísmo — Terceira

No passado dia 27 de Fevereiro, faleceu no Hospital de Praia da Vitória, o nosso saudoso Irmão Manuel Medeiros Faria, que ia completar em breve o seu 70.º aniversário.

Há já algum tempo que este nosso amigo vinha passando bastante mal, mas apesar de tudo a sua fé mantinha-se inabalável. Tivemos o privilégio de estar junto dele, nos seus últimos momentos, e meditamos acerca da «gloriosa esperança», e podemos afirmar que este nosso Irmão morreu no Senhor.

À sua família e em especial à sua filha, Iria Miguel, ao nosso colega no Ministério, Manuel Miguel, assim como ao seu irmão Fernando Faria, residente nas Lages — Ilha Terceira, apresentamos em nome de toda a Congregação os nossos sentimentos.

A. Baião

Cabo Verde

Impressões de Viagem

S. Vicente, 1 de Março de 1960

O Senhor nosso Deus, servindo-se dos Seus servos, para anunciarem o Seu nome, e fazerem o Seu trabalho, achou por bem chamar-me para dirigir o trabalho da Missão de Cabo Verde. Hoje como sempre dócil às decisões dos nossos Irmãos directores e satisfeito por ir até terras ultramarinas, fiz os meus preparativos de viagem.

Embarcámos no dia 25 de Janeiro em Lisboa, às 16 horas e nesse momento começou a chover. A chuva quis que

nos a vissemos nesta ocasião, visto que depois iríamos ter muitas saudades suas, pois por terras de Cabo Verde, é raro chover, infelizmente.

Fizeram-se os últimos acenos, as últimas despedidas, tirou-se a prancha, e o «Alfredo da Silva» começou a sua jornada, num mar não muito calmo, pouco convidativo.

O primeiro porto a escalar foi Leixões, aonde o barco se dirigiu para carregar mercadorias e receber passageiros. Aqui também chovia, chuva esporádica, leve, mas aborrecida. O trabalho dos carregadores e estivadores, teve de se fazer lentamente, pois o tempo não dava para pressas. O navio demorou mais tempo que o previsto, mas como tínhamos família em Vila Nova de Gaia, fomos até lá, matámos algumas saudades, voltámos para bordo e no outro dia o barco levantou ferro, desprendendo-se assim a última amarra que nos prendia ao Continente, à terra firme,

O mar estava picado, a barra de Leixões apresentava-se traiçoeira e perigosa. Assim, mal saímos, o barco começou a dançar, forçado pelo movimento alteroso das ondas. Os passageiros começaram o seu martírio, o enjoo. Mal-estar terrível e algumas pessoas sofrem tanto que mais desejam morrer que viver. Há hora de jantar vêem-se muitas mesas vazias, enquanto os beliches já têm os seus ocupantes, que desejam mexer-se, o menos possível.

Mas um dia se passa, outro ainda e o mar vai-se tornando mais amigo, menos agreste. Os enjoados vão voltando à vida, entrando em si, mas o cenário é monótono; só se vê céu e água; água e céu. No terceiro dia passámos pelas Ilhas Canárias (grande e pequena), baluarte espanhol nestas águas revoltosas do Atlântico. Não desembarcámos mas é confortante para nós vermos terra e verdura. Durante algum tempo temos a impressão de que chegamos a algum con-



Grupo de presos de S. Vicente que fazem parte da Escola Sabatina filial

tinente. Mas o barco continua a sua marcha de 13 milhas horárias, deixamos de novo de ver as ilhas, e entramos no cenário do céu e mar, mas pouco depois mais algumas ilhotas, mas com o tempo também estas vão desaparecendo e ficando para traz.

Temos agora mais três dias, até que chegemos a Cabo Verde. A medida que nos vamos aproximando do Equador, a temperatura vai mudando; já não existe o frio e a chuva, mas sim o tempo seco e o calor. Navegamos já em águas de Cabo Verde, e eis que surge à nossa direita a grande ilha de S. Antão. Alta, negra e descalvada. Não se vê vegetação, mas rochas. No entanto no seu interior existem hortas, verduras e água doce. Pois é ela que abastece a cidade de Mindelo, capital de S. Vicente.

Ainda uma hora e à nossa esquerda surge S. Vicente, mais baixa, mais árida, completamente estéril pela falta das águas

seguros por uma faixa de pano em forma de cinta. Enfim é um pitoresco que só uma fotografia colorida pode descrever.

Ao desembarcar lá tínhamos à nossa espera o Pastor Cordas e sua família como também alguns membros da nossa Igreja. Toca-nos realmente o coração ao vermos pela primeira vez estas pessoas, um pouco mais bronzeadas, pela acção do clima. Mas passados que são alguns momentos temos a impressão que já são nossos velhos amigos e há muito tempo conhecidos.

Seguimos até à nossa Missão, situada junto ao jardim da cidade. É uma linda vivenda, acolhedora. Vemos a Igreja, e o nosso coração é tocado para uma oração ao Senhor, em agradecimento, por nos ter trazido a salvo, após oito dias vividos sobre o dorso do mar.

Após dois dias em S. Vicente, lá fui de novo rumo ao mar, com o Pastor Cordas, até às ilhas onde temos trabalho

mos constatar que «Já nas ilhas também sou a mensagem do Senhor». Como é bom vermos estas almas que como nós esperam a radiante volta do Senhor nas nuvens dos céus.

Ao concluir este meu pequeno e despretencioso artigo, peço a todos os Irmãos, leitores desta Revista, que orem por nós, e pelo trabalho cristão que procuramos levar a cabo, com o auxílio de Deus nestas terras de Cabo Verde.

Bem hajam

Manuel Laranjeira

Igreja de Lisboa

A Igreja de Lisboa acaba de realizar um persistente esforço missionário, dirigido pelo pequeno grupo dos seus obreiros e fiéis, em vista da salvação do maior número de almas.

Com efeito, dando prova de perseverança infatigável, os membros da Igreja partiam cada Sábado, durante cerca de 6 meses, com as mãos cheias de convites que distribuíam numa grande área da cidade, nas casas e na rua, chamando a atenção do simpático público de Lisboa para a conferência de Domingo à noite. Tal interesse dos crentes por este trabalho, revela bem o desejo que a Igreja sente de que as almas conheçam as preciosas e oportunas verdades que prégamos, e que o maior número saiba que nos aproximamos do dia em que Cristo irá voltar.

Não menos digno de registo é o grande interesse manifestado por muitas almas sinceras que regularmente enchem o vasto salão da Rua Joaquim Bonifácio, muitas vezes a não caberem mais, a ponto de ser necessário ir buscar cadeiras a outros aposentos.

Entre as pessoas que frequentaram este esforço de evangelização com muita regularidade, cerca de cem responderam aos apelos, dando-nos os seus nomes e moradas para serem visitadas em suas casas, receberem literatura ou manifestando o desejo de se prepararem para receberem o baptismo. Também o «Grupo Coral Feminino», sob a direcção do Ancião David Vasco, concorreu, sempre, com os seus cânticos para a notável elevação espiritual com que decorreram as reuniões; os nossos agradecimentos muito cordiais.

O que certamente consideramos de mais compensador deste contínuo esforço, foi a alegria de ver sair da classe preparatória para o baptismo, que funcionou simultaneamente com esta campanha de evangelização, 18 preciosas almas que no Sábado 26 de Março testemunharam do seu amor pelo seu amado Salvador, descendo às águas baptismas.

Na verdade, o último Sábado de Março ficou na memória de todos como um dia inolvidável. Não há lembrança na história da igreja de Lisboa de que tão grande número de pessoas assistisse



Os alunos da escola primária de S. Vicente com a sua professora

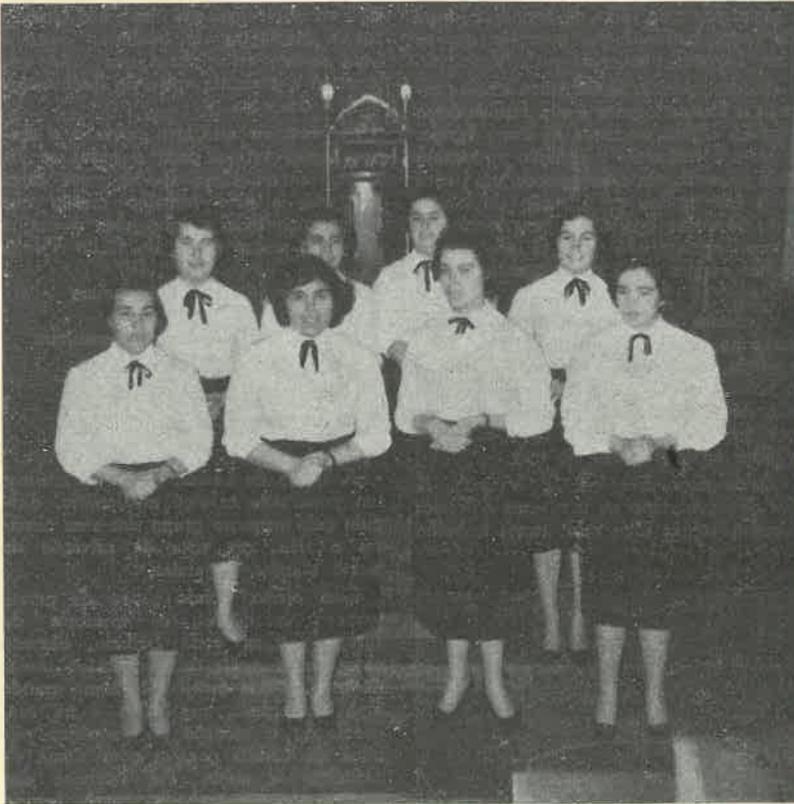
fluviais, que este ano não apareceram. Vemos a baía das gatas com a sua praia e o seu pequeno campo de aviação. O vento sopra, e ainda bem, pois sendo fresco torna a temperatura mais estável; o calor é menos quente porque se sente menos.

Um pouco mais e eis-nos dentro da baía e o barco baixa o ferro. Na nossa frente a cidade de Mindelo, com o seu casario, as suas ruas, já direitas. Os depósitos do óleo para abastecer a navegação. À nossa volta estão já dezenas de botes, particulares, para nos levarem e às nossas coisas para terra. É como se entrássemos num mundo novo. Ouvimos uma nova língua o «crioulo» que o continental não percebe. As mulheres levam as malas à cabeça e quando a carga é pesada vão duas lado a lado e os filhitos agarrados às suas costas

aberto, para fazermos uma pequena visita e conhecermos alguns irmãos e obreiros. Estivemos na Brava (para onde seguiu agora o Ir. Isaías da Silva e família). Fogo onde temos o Irmão obreiro João de Mendonça e com o qual trocamos algumas impressões. Depois chegámos à cidade da Praia, onde reside o Ir. evangelista Gregório Rosa e sua família. Aqui estivemos mais tempo, Sábado e Domingo, onde vimos com prazer os membros dali e lhe pudemos falar de Deus e das Suas maravilhas, e dos laços que nos unem por Jesus Cristo, para que todos sejamos irmãos.

Chegou o momento do regresso, e assim na segunda feira voltámos a nossas casas, ao nosso lar, chegando sem novidade.

Quão gratos nós estamos a Deus por tudo quanto tem feito por nós e poder-



Coro feminino da igreja de Lisboa

a uma cerimónia de baptismos. Os irmãos desta igreja, sempre alegres por poderem receber no seu seio os candidatos ao baptismo das igrejas vizinhas, tiveram neste Sábado a satisfação de dar as boas-vindas aos que vieram das congregações do Barreiro e Seixal, dirigidas pelo seu pastor Samuel Reis, que

os sepultou nas águas, e os de Cascais com o irmão Samuel Ribeiro, seu evangelista. Os que nesse memorável dia fizeram um pacto com Jesus foram em número de trinta, 18 de Lisboa, 8 do Barreiro e Seixal e 4 de Cascais. Ao todo 30 novos recrutas que se incorporaram nas fileiras do Príncipe Emanuel,

dispostos a combater nesta santa milícia o bom combate da fé.

A igreja não dá mostras de fadiga, apesar de todo o esforço despendido, prova-o a sua pronta adesão a uma nova campanha que agora tem diante de si: a das Missões. Com a manifestação de tão boa vontade, esperamos que o elevado objectivo de perto de cinquenta mil escudos, seja alcançado em bem poucas semanas.

Perante uma tão bela perspectiva e com o coração reconhecido, podemos afirmar com David «Bendito és Tu, Senhor, Deus... Tua é Senhor, a magnificência e o poder, e a vitória... Tu Te exaltaste sobre todos como Chefes». I Crón. 29:10, 11.

P. B. Ribeiro

Aguardando a Ressurreição

Após longo sofrimento, que suportou com grande resignação, adormeceu, plácida e felizmente, no Senhor, o nosso Irmão Manuel Francisco, no passado 21 de Março.

Às nossas Irmãs, sua viúva e simpáticas filhas reafirmamos a grande esperança, na qual o nosso Irmão adormeceu, e pela qual mediante o nosso Salvador, nos encontraremos, na Pátria eterna, onde não haverá mais lágrimas.

*

Também no passado dia 31 de Março adormeceu no Senhor a nossa Irmã Domingas Pádua.

Confiando no nosso Salvador, igualmente reforçamos a bem-aventurada esperança que nos é prometida pelo Senhor Jesus.

«Ressuscitou verdadeiramente o Senhor»

Assim exclamaram, repletos de fé, os discípulos de Emaús, depois de terem reconhecido o Salvador, que triunfara da morte e do sepúlculo. Na solenidade da Páscoa, que nos recorda a morte e a ressurreição do Senhor Jesus, renovemos o propósito firme de trabalhar, denodadamente, para apressarmos a gloriosa Vinda de Jesus. Aproveitemos, portanto, a bela oportunidade que Deus nos concede, agora, na Campanha das Missões. Essas milhares de Revistas da Campanha que Deus põe à nossa disposição, representam tantos outros anúncios semelhantes ao dos discípulos de Emaús, apregoando não só a Ressurreição de Jesus, como também a Sua Vinda, a Sua segunda Vinda.

Se a todos os nossos prezados Irmãos desejamos boas festas da Páscoa, ainda mais desejamos que todos tenham uma Campanha das Missões muito abençoada.

«REVISTA ADVENTISTA»

Por lapso lamentável, saiu no número 161 da nossa REVISTA a indicação de *Abril* em vez de *FEVEREIRO*.

Com as nossas desculpas, aqui fazemos a devida correcção.

À CONQUISTA DO ESPAÇO

Conferência feita pelo Pastor E. NAENNY na igreja de Lisboa, em 18 de Fevereiro de 1960

«Ó Senhor, Senhor nosso, quão admirável é o Teu nome em toda a Terra, pois puseste a Tua glória sobre os Céus! Da boca das crianças e dos que mamam Tu suscitaste força, por causa dos Teus adversários, para fazeres calar o inimigo e vingativo. Quando vejo os Teus Céus, obra dos Teus dedos, a Lua e as estrelas que preparaste; que é o homem mortal para que Te lembres dele? e o filho do homem, para que o visites? Contudo pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroaste. Fazes com que ele tenha domínio sobre as obras das Tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés: todas as ovelhas e bois, assim como os animais do campo, as aves dos céus, e os peixes do mar, e tudo o que passa pelas veredas dos mares. Ó Senhor, Senhor nosso, quão admirável é o Teu nome sobre toda a Terra!»

Salmo 8

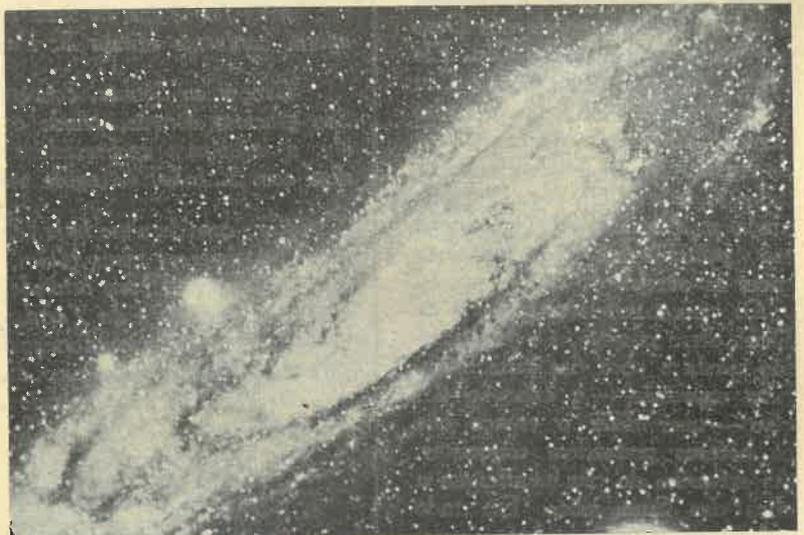
Que coisa mais bela poderá haver do que a criatura prestar culto ao seu Criador! Em todos os tempos, quando os homens contemplaram o céu estrelado, ficaram maravilhados e se sentiram constrangidos a adorar o Senhor dos Céus e da Terra. Assim, David, neste Salmo, exclama: «Quando eu vejo os Teus Céus, obra das Tuas mãos, a Lua e as estrelas que Tu criaste», e então formula a pergunta: «Que é o homem, para que Te lembres dele?» Já vos tem acontecido certamente passardes por uma provação; pareceu-vos, de certo que um dos vossos problemas era muito grande e insolúvel. Contemplastes então os Céus e o vosso problema tornou-se relativamente mais pequeno. Reencontrastes o vosso equilíbrio pondo a vossa confiança no Senhor.

A Terra é o Domínio do Homem

Ora David, neste mesmo Salmo, diz que Deus deu o domínio das obras das Suas mãos ao homem nesta Terra. É o que encontramos também no Génesis, capítulo primeiro, versículo 28: «E Deus os

abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a Terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a Terra.» É pois normal que o homem tenha desejo de dominar aqui na Terra, e é muito interessante o estudo da história humana através dos séculos e constatar como o homem se pôs à conquista da Terra em

primeiro lugar. Gostamos de lembrar esses corajosos navegadores, como Vasco da Gama, que foi à conquista dos oceanos, e outros da sua época. Admiramos um David Livingstone que atravessou o continente africano, um Amundsen que chegou ao Polo Norte, os pioneiros da verdadeira escalada das grandes altitudes como a escalada do Himalaia, por exemplo. Admiramos um Picard que desceu



A nebulosa de Andrómeda, a que se refere o Pastor Naenny, na sua conferência

às profundezas do mar. A Terra é o domínio do homem.

Porém no coração do homem existe o desejo da conquista e o homem conquistou também o ar: esta é a história da técnica da aviação. Há já alguns anos que estamos vivendo agora nas vésperas da conquista do espaço. Mas antes que os homens tenham tentado eles próprios conquistar o espaço, fizeram antes a conquista do espaço pelo telescópio. Descobriram coisas maravilhosas: o telescópio revelou-lhes as belezas do universo e também as suas incomensuráveis dimensões.

As Maravilhas do Universo

Um grande missionário das Índias dos tempos modernos, disse uma vez que, quando subimos às elevadas montanhas e quando olhamos para baixo para um precipício, somos tomados de vertigem, mas, dizia ele, «quando levantais os vossos olhos e contemplais o céu estrelado, não tendes medo, mas o sentimento de segurança em Deus vos invade, porque não se pode cair para cima.» E com efeito é qualquer coisa de maravilhoso contemplar o céu estrelado. Quando Abraão tinha noventa e nove anos e que o herdeiro da promessa tardava em vir, Deus renovou a Sua promessa e disse a Abraão: «Contempla o Céu!» Creio que esta é uma lição para todos os homens. Também a cada um de nós Deus convida a contemplar o Céu. Ele disse a Abraão: «Olha para o Céu e conta as estrelas, se tu o podes fazer.» Com efeito é qualquer coisa de impossível: não podem ser contadas as estrelas do céu. Ele disse ainda a Abraão: «Assim será a tua posteridade, tão numerosa como as estrelas do céu.»

Os céus manifestam a glória de Deus, diz o salmista, e a sua extensão revela a obra das Suas mãos. Esta expressão — a extensão dos céus — quer dizer o espaço que os homens pretendem conquistar. As extensões do céu manifestam a obra das Suas mãos. Em todo este vasto universo podemos constatar a mão poderosa de Deus. Diz ainda o salmista: «Os céus cele-

MINHA CONVERSÃO A DEUS

Aos prezados leitores desta Revista, torno manifesto o que se passou comigo relativamente à minha conversão a Deus.

O que eu era e fazia noutro tempo

Na cidade da Praia, capital de Cabo Verde onde nasci, sou conhecida por Nha Justa. Minha vida, a princípio, era como diz S. Paulo: «Portanto, lembrai-vos de que vós noutro tempo éreis gentios na carne, e chamados incircuncisão pelos que na carne se chamam circuncisão feita pela mão dos homens» — Efes. 2:11.

Como católica bastante ferrenha, era fiel à tradição dos meus pais e, também, aos ritos da Igreja Romana. Com indizível respeito, tributava culto de dulia e hiperdulia e, para mais, inscrevi-me na União de Missas que o Sodalício de S. Pedro Claver, manda celebrar, todos os anos, pelos inscritos vivos e defuntos desta União.

Apesar da minha enraizada fé católica, eu praticava ainda a cartomância e, como tal, era procurada por todos, grandes e pequenos, que vinham à minha casa consultar-me para que, por meio desta arte, declarasse o que ia acontecer-lhes.

Enfim, como católica e cartomante que era, fazendo amuletos e sortilégios, não tinha a verdadeira noção do pecado e estava, por conseguinte, privada do conhecimento da Palavra de Deus, que condena estas práticas hediondas como sendo actos demoníacos. Assim, como diz o apóstolo S. Paulo, eu era «noutro tempo» uma «gentia» e, como tal, vivia em trevas.

O que eu sou e estou fazendo agora

Mas fez-se luz no meu entendimento outrora entenebrecido e agora, conforme afirma S. Paulo, sou «luz no Senhor».

Graças ao Senhor, converti-me ao poder do evangelho, aceitei Seu gracioso convite, «vinde a mim»; recebi Sua Palavra e, com ela, a influência enobrecedora de Sua graça, de modo que hoje digo com S. João: «...agora somos filhos de Deus» — I João 3:2.

Sim, considero-me hoje filha dilecta do Altíssimo Pai, e, como prova, queimei os meus ídolos, destruí os meus livros e agora aos que me procuram para bruxedo e cartomância, aponto o Deus vivo, Criador dos Céus e da Terra, que regenera os corações, purifica e desperta a consciência adormecida pelo pecado; dou estudos bíblicos, falo do Sábado como único dia de guarda e chamo atenção para o poder de Deus na conversão sincera de minha alma.

Vossa dedicada irmã em Cristo,

Justa Castro

bram as Tuas maravilhas. Louvai-O nas alturas dos espaços onde brilha o Seu poder.» Talvez o salmista tivesse a intuição de que a extensão do céu fosse habitada, visto que ele diz: «Louvai-O nas alturas.» Deve certamente haver alguma coisa nas alturas do espaço.

Quando foi construído o observatório do Monte Palomar, nos Estados Unidos, e que se dirigiu o telescópio para esses mundos desconhecidos, houve revelações extraordinárias. Infelizmente os homens pensam muito pouco nisso; eles interessam-se mais nos estádios, no cinema e na política. Mas se os homens olhassem para o espaço, para aquilo que Deus criou, tornar-se-iam, certamente, mais humildes e tomariam então o lugar que lhes compete. Foi dirigido o telescópio para a nebulosa de Andrómeda. Outrora esta nebulosa era quase imperceptível, era uma pequenina sombra no universo, mas com esse telescópio pôde constatar-se que se trata de um mundo imenso, e calcula-se que existam aproximadamente 200 milhões de sóis nesta nebulosa, dos quais alguns muitas vezes maiores que o nosso próprio Sol, sóis que possuem os seus próprios planetas e satélites. Trata-se pois de um cúmulo estelar. Formações como esta nebulosa existem uma infinidade delas. Há milhões de anos que a desintegração do átomo se produz em cada um dos seus sóis. Sabe-se também que a chama do nosso Sol se eleva a uma altura de 140.000 quilômetros no espaço. A distância a que se encontra a nebulosa de Andrómeda da nossa Terra é de nada menos de 300 milhões de anos-luz. E um ano-luz representa 157 bilhões de quilômetros. Aqui o nosso cérebro recusa-se a pensar, não abrange mais.

É extraordinário poder constatar a força que existe no Universo. Pensai que cada corpo celeste tem o seu poder de atracção, e cada corpo celeste tem uma força centrífuga porque no universo tudo mexe, e essas forças estão tão harmoniosamente calculadas que nunca se produzem acidentes. Por-

tanto, não podemos ser incrédulos estudando estas coisas. É preciso ser-se cego e surdo para não ver nem ouvir, mas chegámos a uma época em que os homens se tornaram cegos, e afirma a Escritura que o insensato disse: «Não há Deus.» Como é possível que o Universo se tenha criado a si mesmo, que tudo tivesse aparecido por obra do acaso, quando entre nós, para um simples relógio é necessário o relojoeiro? E ainda estes relógios algumas vezes trabalham mal. Mas ali tudo trabalha, tudo funciona com exactidão.

A Visão do Profeta Ezequiel

Desejo agora estudar convosco o capítulo primeiro do profeta Ezequiel e logo vereis a relação que existe entre ele e o que acima tivemos ocasião de ver. Não pretendo explicar a fundo este primeiro capítulo do livro do profeta Ezequiel, porque para poder explicá-lo seria necessário ter contemplado a cena como o profeta a contemplou. O texto do último versículo deste capítulo diz que era uma visão da glória de Deus que ele tinha contemplado. Desejo resumir duma maneira breve este capítulo; depois tomaremos alguns textos em separado.

O profeta vê aquilo a que se costuma chamar «o carro de Deus». Esse «carro» tem rodas imensas, duma altura vertiginosa, e depois essas rodas estão cheias de olhos por dentro e por fora, e essas rodas movimentam-se umas dentro das outras, duma maneira muito complicada para ser explicada. O profeta dificilmente encontrou os termos para explicar aquilo que ele tinha contemplado, o que se compreende perfeitamente, porque, como poderá alguém contemplar a glória de Deus e depois descrevê-la em linguagem humana? É quase uma impossibilidade. Esse «carro» pode deslocar-se em todos os sentidos e direcções. Pode subir, descer, andar para a direita ou para a esquerda, para trás ou para a frente, diz ele que para todo o lugar onde o Espírito de Deus

o movia. E esse «carro» é acionado pelo Espírito de Deus. Em seguida o profeta vê no centro quatro seres viventes. Esses quatro seres viventes têm um aspecto muito especial. A sua face é semelhante à do homem, do leão, do touro e da águia. Diz que os quatro animais tinham quatro faces. Tinham também quatro asas e debaixo das asas tinham braços, e diz que quando voavam com as suas asas eram como relâmpagos, como trovões, como o barulho de muitas águas. E entre esses animais havia um fogo que circulava — temos aqui o movimento rotativo novamente. Depois, no meio desses animais viventes, o profeta vê algo parecido com o mar. Vê como um trono, e no meio de tudo isso ele contempla sempre um fogo, um fogo resplandecente: era a presença do Senhor. Os comentadores modernos estão de acordo em admitir que esse carro divino representa o Universo no seu conjunto, essa revolução complicada de todos esses vastos mundos, e que o Espírito de Deus dirige todo o Universo.

Esta visão ensina-nos alguma coisa de maravilhoso. Mostra que existe algures um centro do qual dimana todo o comando do Universo, e que no local onde existe o ser divino, onde existe esse centro, existem seres vivos para nós desconhecidos, cuja forma e existência nós temos dificuldade em compreender. Vejamos o versículo quatro: «Olhei e eis que um vento tempestuoso vinha do norte e uma grande nuvem com um fogo a revolver-se, e um resplendor ao redor dela, e no meio de uma coisa como de cor de âmbar, que saía dentre o fogo.» Parece que se assiste aqui à criação do Universo. Vemos aqui esses bilhões de sóis de que já falámos. O profeta o vê como um molho de fogo, e, como se tem ocasião de reparar, realmente parece que é essa a sua configuração. E o profeta vê no centro como que um fogo. Realmente ele próprio não pode descrever o Senhor Criador.

Depois descreve esses quatro seres vivos à volta do fogo, e aqui

é novamente a ideia do fogo que predomina. Versíc. 13: «E quanto à semelhança dos animais, o seu parecer era como brasas de fogo ardentes, com uma aparência de tochas. O fogo corria por entre os animais e o fogo resplandecia e do fogo saíam relâmpagos.» É realmente terrível presenciar uma tal visão. E compreendemos que homens de Deus tão fracos como nós, quando viram essa glória, começaram por ficar amedrontados. Isaías exclamou: «Ai de mim!» porque ele receava pela sua vida, mas o Senhor purificou os seus lábios e salvou-o, e tornou-se o profeta do Senhor.

Além desses quatro seres viventes de que aqui se fala, sabemos que há outros seres junto do trono de Deus, chamados os querubins ou os anjos. Oitenta vezes a Sagrada Escritura faz referência aos querubins ou aos anjos. A epístola aos Hebreus, falando deles, diz o que segue: (cap. 1, vers. 14) «Não são porventura todos eles espíritos ministradores enviados para servir a favor daqueles que hão-de herdar a salvação?» Portanto esses querubins ou anjos têm a magnífica função de ligar o trono de Deus a esta Terra. Pensamos agora no sonho de Jacob, quando ele contemplou os anjos subindo e descendo por uma escada, esses anjos que o punham em contacto com o Céu. Meus prezados amigos, não devemos pensar que nós somos os únicos no universo de Deus. Os anjos ligam também os outros mundos ao trono de Deus. Existe uma actividade extraordinária junto ao trono de Deus, e os anjos são os seres que ligam o trono de Deus com o resto do Universo.

Haverá outros Mundos habitados?

E agora vem a grande pergunta: Haverá outros mundos habitados? Esta é uma pergunta que preocupou os homens desde há muito. Já no fim do século XV, um sábio chamado Giordano Bruno, escreveu o que se segue: «Os mundos infindos do espaço não são, nem mais mal nem mais bem habitados que a nossa Terra, pelo facto de

ser impossível que a nossa razão apreenda e possa imaginar que esses mundos infinitos sejam talvez tão belos e mesmo mais belos que a nossa Terra, visto receberem como nós os raios fecundos dum sol, e que sejam habitados por seres que se pareçam connosco ou que sejam mesmo mais perfeitos do que nós.» Ele já estava bastante avançado há 350 anos! Supunha já que existiam outros mundos habitados. Agora tomemos a declaração de alguns astrónomos modernos, esses homens que perscrutam o céu e que realizam um trabalho notável. O astrónomo Servis declara: «À luz do progresso moderno, a opinião tende a admitir que o universo se encontra por toda a parte repleto de vida.» O sábio britânico James: «Miríades de mundos devem existir, capazes de possuir a vida como nós possuímos aqui.» E por fim o astrónomo da coroa britânica, Spencil Jones: «Visto a extensão imensa do universo, parece por essência impossível que a nossa pequenina Terra seja o único centro que possui a vida. Pensar que há mais do que um mundo habitado, não é nem contra a razão, nem contra as Sagradas Escrituras.»

Chegámos agora às Sagradas Escrituras. Fiz a mim mesmo a pergunta durante muito tempo, se nas Sagradas Escrituras existiriam algumas declarações, provando que os outros mundos também são habitados. E creio ter encontrado pelo menos dois textos que o afirmam. Pode mesmo acontecer existirem ainda outras declarações. O primeiro texto encontra-se na epístola aos Romanos, no capítulo 8, nos versículos 38 e 39. O apóstolo cita no texto anterior os poderes humanos que podiam separar o cristão de Cristo. E nos textos a que nos referimos fala dos poderes sobre-humanos, dos poderes supra-terrestres que poderiam separar o cristão do amor de Cristo: «Porque estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profun-

didade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus nosso Senhor.»

A morte é muitas vezes um obstáculo intransponível. Para muita gente, tudo acabou depois da morte. Mas a morte não é capaz de separar o cristão do amor de Cristo, porque Cristo ressuscitou, e também porque o cristão tem a certeza que também ressuscitará no último dia, quando Cristo voltar em glória e majestade. Para outros é a vida que os poderia separar do amor de Cristo. Há muitos milhões de pessoas que pela vida se encontram separados do amor de Cristo. Amam demasiado os prazeres nocivos deste mundo, e tudo aquilo que desvia o homem de Deus, nesta vida. A vida separa-os de Cristo, mas não separa o cristão, porque a sua vida está escondida em Cristo.

Vede agora como o pensamento do apóstolo é extremamente vigoroso e fértil. Ele propõe outra suposição: Talvez pudéssemos pensar que seriam os anjos quem nos poderia separar do amor de Cristo. Já acima falámos dos anjos. Os anjos não são as almas daqueles que morreram, os anjos são seres inteligentes que Deus criou, e que são um pouco superiores ao homem. O apóstolo diz algures que mesmo que viesse um anjo prègar outro evangelho, que seja anátema. Mas isso nunca acontece porque os anjos apenas podem fazer bem.

Mas aqui está um outro pensamento que pode ser muito perigoso para nós. Quando o apóstolo supõe que são talvez os principados ou potestades que nos podem separar do amor de Cristo, ele está aqui fazendo referência aos espíritos malévolos que povoam os ares. Com efeito nós não temos que lutar contra a carne e o sangue simplesmente, mas também contra os espíritos que povoam os ares. Mas esses espíritos não podem separar o cristão do amor de Cristo, porque Cristo já os venceu, e porque estão presentes os bons anjos para nos arrancar ao perigo.

(Continua)